

“SOMOS DIFERENTES, MAS NÃO DESIGUAIS!”
REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES ÉTNICORRACIAIS NO ESPAÇO DA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Hilda Maria Alvarenga¹
Romilda Cândido Araújo Mendes²
Relato de Experiência
Diálogos Abertos sobre a Educação Básica

O trabalho aqui apresentado tem por objetivo socializar as práticas de ensino na Educação Básica desenvolvidas no Centro Municipal de Educação Infantil 13 de Maio-Goiânia. Onde se efetiva o Projeto “Somos diferentes, mas não desiguais!”, dentro da temática Relações Étnicorraciais. Compreende-se, Educação Infantil como primeira etapa da educação Básica de acordo com a orientação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996 que garante o direito à educação das crianças em instituições para este fim. Reconhece-se a Instituição de Educação Infantil como um espaço de consolidação e articulação de práticas educativas comprometidas com a aprendizagem, o desenvolvimento e a inclusão social das crianças. E de Sobre maneira pode se configurar como espaço de reflexão e intervenção nas situações de preconceito e racismo, conforme estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (2009). As práticas pedagógicas desenvolvidas se encontram sustentadas teoricamente em: SILVA (2006) e GOMES (2006) que discutem os conceitos de racismo e preconceito numa perspectiva de desconstrução de conceitos equivocados e em ROCHA (2003) traz a Pedagogia da Infância como pressuposto político e pedagógico que procura reafirmar a especificidade do trabalho com as crianças. O projeto se articula ainda com as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (DCNEI/Resolução CNE/CEB nº 05/09) que também apresenta as razões para o trabalho dessa temática com as crianças pequenas. As ações desenvolvidas inicialmente se deram no campo da formação continuada das profissionais para que concomitante ao desenvolvimento do projeto assegurasse as discussões sobre a diversidade e as diferenças reveladas na instituição e contribuíssem para a promoção de práticas não discriminatórias, para o reconhecimento e a valorização das etnias dos sujeitos envolvidos. Com este artigo objetivamos socializar as possibilidades e os desafios enfrentados no Ensino da Educação Básica, quanto à aplicabilidade da Lei N. 7.207/93 do Município de Goiânia da e Lei Federal de N. 10639/03, por meio das práticas pedagógicas desenvolvidas por profissionais com formação em pedagogia.

¹ Hilda Maria Alvarenga- prof.hilda@hotmail.com, Especialista em Métodos e Técnica de Ensino pela Universidade Salgado de Oliveira e em Educação Infantil pela Faculdade de Educação - UFG , atualmente é professora regente no CMEI 13 de Maio da Secretaria Municipal de Educação em Goiânia.

² Romilda Cândido Araújo Mendes² rocandi1973@hotmail.com Especialista em Docência Universitária pela Universidade Salgado de Oliveira e em Educação Infantil pela Faculdade de Educação – UFG, eleita como dirigente do Centro Municipal de Educação Infantil 13 de Maio, da Secretaria Municipal de Educação em Goiânia, para o triênio 2012 – 2014.

Palavras-chave: Educação Básica; Educação Infantil; Discriminação; Preconceito

"SOMOS DIFERENTES, PERO NO DESIGUAL!"

REFLEXIONES SOBRE LA CARRERA RELACIONES ÉTNICO EN EL ESPACIO DE
LA EDUCACIÓN DE LA PRIMERA INFANCIA

O Trabalho objetivo aqui apresentado tem como objetivo socializar como na Educação Infantil Práticas básicas desenvolvidas no Centro Municipal de Educação Infantil nº 13 de Goiânia. Onde é efetivo o Projeto "Nós somos diferentes, mas não fazemos desiguais!" Dentro das RELAÇÕES étnico-raciais. Compreende - é, como Educação Infantil da Primeira etapa Educação Básica concordando com a Orientação da Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional 9.394/1996 que garante o direito à Educação para todos em Instituições para este fim. Reconhece - é a Instituição de Educação Infantil como Espaço de Consolidação e comprometido com práticas educativas de articulação com a Aprendizagem, Desenvolvimento e Inclusão Social das Crianças e Adolescentes. Sobre a maneira poderosa e configurada como Reflexão e Intervenção no Espaço de situações de preconceito e do racismo, como estabelece como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (2009). Como práticas educativas encontram-se desenvolvidas teoricamente fundamentada em: SILVA (2006) e GOMES (2006) que discutem preconceito são conceitos de racismo e desconstrução de uma perspectiva errada são conceitos e EM ROCHA (2003) Mapeamento de uma Pedagogia da Infância como política e pedagógica especificidade buscando tranquilizar como crianças do Trabalho com. O Projeto AINDA COM é articulada como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI / Resolução CNE / CEB nº 05/09) como também apresenta razões para a temática desta Trabalho com ou crianças tão pequenas. Como inicialmente desenvolvidas Ações no Campo da Formação de Profissionais continuou a dar concomitante Profissionais AO Desenvolvimento fazer Projeto assegurasse como DISCUSSÕES sobre a Diversidade e como revelado Diferenças na Instituição e contribuíssem para a Promoção de práticas discriminatórias NÃO para Valorização e ou dar étnico reconhecimento de dois DISCIPLINAS envolvidos. Este artigo atualiza possibilidades Com. objetivar e socializar como você no Ensino desafios enfrentados na Educação Básica, Quanto à aplicabilidade das Leis N. 7.207/93 e N. 10639/03, por Meio das Práticas Educativas desenvolvidas por Profissionais com a pedagogia.

Palabras clave: Educación Básica, Educación Infantil, Discriminación, Prejuicio

Apresentação

Este trabalho é pautado no relato de experiência desenvolvida a partir do Projeto Institucional “Somos Diferentes, Mas Não Desiguais”, no Centro Municipal de Educação Infantil 13 de Maio em Goiânia, que desde o ano de 2004, discute a temática Relação Éticorracial. Efetiva-se uma proposta de educação cujas ações desenvolvidas a partir deste projeto possibilitaram reflexões sobre a diversidade e as diferenças reveladas na instituição, com vistas a promover práticas não discriminatórias, bem como atuar na garantia dos direitos das crianças, profissionais e famílias de terem asseguradas o reconhecimento e a valorização de suas etnias.

Com este artigo objetivamos socializar as possibilidades e os desafios enfrentados no Ensino da Educação Básica, quanto à aplicabilidade da Lei N. 7.207/93 que até o momento se encontra engavetada e Lei Federal N. 10639/03, de maneira específica com trabalho em sua primeira etapa, Educação Infantil. Neste objetivo está pautado o compromisso de registrar práticas de um cotidiano vivido por professoras com formação em pedagogia, atuantes em uma instituição pública, que atende esta etapa da Educação Básica.

Compreende-se, Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica de acordo com a orientação da Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1996), que garante o direito à educação das crianças em instituições para este fim. Esta lei, dentre as diversas regulamentações dispôs a Educação Básica em Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Apresenta assim uma diferenciação específica para a Educação Infantil, o que ROCHA (2003) vai dizer que diferencia se quanto aos destinatários, a definição de suas funções que ainda se encontram em processo de construção dentro do campo da pedagogia em diálogo com a Teoria Histórico Cultural.

Dessa maneira reconhece-se a Instituição de Educação Infantil como um espaço de consolidação e articulação de práticas educativas comprometidas com a aprendizagem, o desenvolvimento e a inclusão social das crianças. E de Sobre maneira pode se configurar como espaço de reflexão e intervenção nas situações de preconceito e racismo, conforme estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (2009)

As práticas pedagógicas desenvolvidas se encontram sustentadas teoricamente em: SILVA (2006) e GOMES (2006) que discutem os conceitos de racismo e preconceito numa perspectiva de desconstrução de conceitos equivocados e em ROCHA (2003), traz a

Pedagogia da Infância como pressuposto político e pedagógico que procura reafirmar a especificidade do trabalho com as crianças. O projeto se articula ainda com as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (DCNEI/Resolução CNE/CEB nº 05/09) em que essa também apresenta as razões para o trabalho dessa temática com as crianças pequenas.

As ações desenvolvidas se deram prioritariamente no campo da formação continuada das profissionais para que, concomitantes ao desenvolvimento do projeto assegurassem as discussões sobre a diversidade e as diferenças reveladas na instituição e contribuíssem para a promoção de práticas não discriminatórias, para o reconhecimento e a valorização das etnias dos sujeitos envolvidos.

Apresenta-se o projeto com justificativa, juntamente, com os conceitos de Educação Infantil, racismo e preconceito, sustentado pelos referenciais teóricos: SILVA (2006), GOMES (2006) e ROCHA (2003). Seguido da articulação do projeto com as Diretrizes Nacionais Curriculares Para a Educação Infantil (DCNEI/Resolução CNE/CEB nº 05/09) e o processo formativo realizado com as profissionais. Finaliza-se com os relatos de parte das atividades desenvolvidas com as crianças, e das análises das práticas apresentadas nestes, bem como, expõe-se ainda as contribuições que estas trouxeram para a promoção de relações pautadas no respeito pelas diferenças dos sujeitos que ocupam o espaço institucional de Educação Infantil descrito no projeto.

“Somos Diferentes, Mas não Desiguais!” Projetar, Discutir, Refletir e Valorizar

O projeto vem discutindo as possibilidades e desafios do trabalho com a referida temática, a partir da seguinte questão: Como valorizar e respeitar a diversidade étnico-racial, cultural e toda a forma de diferença que se apresenta na instituição de Educação Infantil?

Essa problemática se consistiu em desafio, pois são questões presentes na sociedade que chegam, na Instituição de Educação Infantil por meio das crianças, suas famílias e profissionais. Acredita-se que para valorizar e respeitar algo se faz necessário conhecer, é este o caráter da Lei Federal, fazer conhecer a cultura Afrobrasileira e Africana .

Para efetivação deste projeto se fez necessário assegurar, no cotidiano da instituição, ações formativas para as profissionais, a fim de que estas refletissem e reconhecessem nas contradições as possibilidades de significar este projeto junto às crianças e possibilitar às famílias a conscientização destas e demais envolvidos.

Aceitar esse desafio implicou em ter coragem de passar pelo processo doloroso de descer da prepotente herança cultural eurocêntrica, para desconstruir conceitos equivocadamente construídos ao longo de nossa história, fruto de uma colonização de

exploração e usurpação de riquezas culturais, minerais, florestais e tantas outras. Essa trajetória foi marcada pelo esforço de conhecer parte da diversidade do continente africano, valorizar as diversas culturas dos povos também muito diversos. Reconhecer as valiosas contribuições desse continente para a formação do povo brasileiro e, sobretudo pela assumência de pertencimento a este povo.

Um marco que contribuiu para um despertar inicial para sistematização desse trabalho foi o acontecimento na cidade Goiânia em 2009, referente ao dia “20 de novembro – data instituída nacionalmente como - Dia da Consciência Negra”. Alguns seguimentos representativos do Movimento Negro demonstraram indignação pela forma com o que o Projeto de Lei Municipal, que decretava feriado na cidade foi tratado pela Câmara Municipal. A decisão por unanimidade pelo Tribunal de Justiça de Goiânia³ pela suspensão do feriado foi noticiada em um jornal local

Essa notícia foi lida e problematizada para as crianças do agrupamento de quatro e cinco anos. A partir das discussões gerou-se a necessidade de observar as características físicas das crianças, com o recorte cor de pele e tipo de cabelos. Essa atividade culminou-se na montagem de um painel com fotos focando os rostos das crianças que as quais deram o título “Somos Diferentes, mas não Desiguais!”. Este painel evidenciou que a maior parte dos rostos retratados ali revelava as características físicas afro-brasileira, confirmando a estatística brasileira⁴ que traz a afirmação de que 51% da população do Brasil é negra.

As ações do projeto fundamentaram-se na compreensão do conceito de Educação Infantil, postulado nas DCNEI, enquanto primeira etapa da Educação Básica, oferecida em espaços institucionais públicos ou privados, têm a função de cuidar e educar crianças pequenas e possibilitar lhes experiências que contribuam com a formação integral das mesmas. A convivência nesse espaço coletivo tem oportunizado as relações sociais entre crianças e diversos sujeitos de diferentes etnias.

Nas relações desenvolvidas entre as crianças, em algumas atitudes e falas das famílias e profissionais perceberam-se recorrentes demonstrações de práticas discriminatórias, em que pode se afirmar que tem refletido o comportamento presente na sociedade. Embora reconheçamos os limites da ação transformadora das questões sociais e políticas por meio das práticas educacionais e por isso não remetemos a elas o papel de redentoras das situações contraditórias que vem para a instituição, porém, cremos na importância do enfrentamento, do

³ Fonte:Tribunal de justiça do Estado de Goiás (www.tjgo.jus.br), de 11/nov/2009

⁴ Censo Demográfico realizado pelo IBGE, no ano de 2010

debate e da reflexão a partir dos conflitos que emergem dessa realidade, por se tratar de questões que se encontram latentes em nossas subjetividades.

Daí a necessidade de discutir e significar junto aos envolvidos o conceito de discriminação, que aqui neste texto, optamos pela definição apresentada por SILVA (2006, p.31) onde esta afirma que a discriminação pode ser instituída *como ação capaz de beneficiar ou prejudicar social e psicologicamente, pessoas e grupos, baseados em preconceito positivo ou negativo que se dirige a pessoas ou grupos, manifestada por atributos estereotipados.*

Compreende-se nesse sentido que a discriminação concretiza o preconceito e no Brasil os estudos que abordam essa discussão afirmam que isso se dá de maneira sutil, o que alguns destes estudiosos têm chamado de preconceito velado. Essa compreensão contribuiu para que durante o processo fizesse necessário, debruçar sobre o significado literal da palavra – preconceito-e de seu conceito pautado nas discussões étnicorraciais que vão na perspectiva de rompimento com a ideia de julgamentos negativos e GOMES (2007, p. 54) o conceitua assim:

O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro.

A compreensão dos conceitos descritos acima de forma articulada com as discussões suscitadas no espaço educacional contribuiu para a efetivação do projeto, pois se acredita que o entendimento dos preconceitos que foram inculcados equivocadamente na mentalidade social brasileira para discriminar, mascarar ou ocultar o racismo é um passo importante para o rompimento com as práticas discriminatórias. Pois, como afirma LIMA (2011, p.153) *as crianças nascem abertas a diversidade, sem preconceitos, e os vão aprendendo nas relações sociais das quais participam desde o nascimento.*

A articulação do projeto com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil/2009

O projeto estabeleceu consonância com as Diretrizes Curriculares, que é de caráter mandatório, onde descreve nos artigos sétimo, inciso quinto e artigo oitavo, incisos oito e nove, a função sociopolítica e pedagógica das propostas das instituições de Educação Infantil, bem como a efetivação dos objetivos destas:

V - construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o

rompimento de dominações etárias, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, lingüística e religiosa.

VIII - a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus, e de outros países da América.

IX - o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação;

Reconhecer o papel da instituição de Educação Infantil enquanto espaço de respeito as interações infantis com os conhecimentos constituídos como patrimônio cultural da humanidade é devolver para as crianças pequenas o direito de ampliar seus saberes de maneira significativa em espaços de convivência coletiva é uma oportunidade possibilitar a elas a apropriação das contribuições histórico culturais dos povos afrodescendentes.

Quanto as possibilidades oferecidas no espaço da Educação Infantil, o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana, (junho, 2009) reafirma que:

Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizam a importância dos diferentes grupos étnicorraciais para a história e a cultura brasileira. (p.48)

É por considerar a importância desse trabalho nos primeiros anos de vida das crianças que frequentam esse espaço coletivo de educação, as ações propostas tiveram movimentos cíclicos e permanentes, por que considerou também o tempo de permanência da criança na instituição, em que geralmente ingressa no primeiro ano de vida e permanece até aos cinco anos e onze meses.

As DCNEI consideram a criança como sujeito histórico cultural, na perspectiva de que está se constitui através das relações, criança - criança, adulto - criança de maneira que favoreçam a construção de sua auto-imagem, daí a importância de se trabalhar as relações étnicorraciais, para que as crianças reconheçam a que grupo pertence e construam suas identidades, pois, é em contextos e relações sociais culturalmente mediadas que a criança aprende e constrói sua identidade a partir da relação com o outro.

E nesse processo relacional a criança pode ou não passar por experiências que contribua de maneira positiva na formação de sua auto-imagem. Acredita-se que uma das contribuições para o fortalecimento da identidade negra, se fundamenta nos estudos sobre a

África, considerando a diversidade de grupos étnicos neste continente e sua influência na formação do povo brasileiro.

Essa idéia é reafirmada na concepção de Silva (2006) quando declara que há dois motivos importantes para o trabalho com as relações étnico raciais, citando Pereira (2003, p. 102): *o primeiro deles é o caráter de matriz histórica e cultural que os africanos e seus descendentes tiveram na sociedade brasileira, marcando decisivamente a nossa identidade nacional. O segundo é a importância intrínseca do continente na história.*

A Instituição de Educação Infantil onde se realizou o projeto abriu-se para o trabalho com essa temática por que dentre outros aspectos, considerou a concepção de currículo apresentado nas DCNEI que em seu parecer, o estabelece como:

[...] um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. Tais práticas são efetivadas por meio das relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças e afetam a construção de suas identidades. (Parecer CNE/CEB nº 20/09)

Essa concepção de currículo assegura que este seja fundamentado na realidade dos sujeitos que ocupam os espaços da educação infantil, articulado com os saberes das crianças de maneira que possibilite o reconhecimento da importância do patrimônio cultural. Portanto, reafirmamos a importância de possibilitar às crianças a apropriação das contribuições histórico culturais dos povos, e neste caso dos afrodescendentes, por meio de atividades diversificadas ,envolvendo os conhecimentos pertinentes a essa cultura

Estabeleceu-se como objetivo geral discutir sobre as relações étnicorraciais na educação infantil e possibilitar às crianças a apropriação das contribuições histórico culturais dos povos afrodescendentes a fim de promover a valorização e o respeito com a diversidade étnicorracial e cultural. Foram também estabelecidos os seguintes objetivos específicos: sistematizar essa prática vivenciada no fazer pedagógico desde o ano de 2004; possibilitar discussões sobre a diversidade e as diferenças reveladas na instituição; desenvolver atividades diversificadas que envolvam os conhecimentos pertinentes a essa cultura e manifestar a favor da promoção de práticas não discriminatórias.

Processo Formativo – Conhecer, Desconstruir, Construir e Efetivar

Asseguraram-se no cotidiano da instituição ações formativas para as profissionais, a fim de que estas pudessem além de significar o projeto junto às crianças, possibilitar a conscientização das famílias e demais envolvidos. Esta formação foi contemplada nas

reuniões de planejamento e estudos, nos estudos reflexivos com registro⁵, bem como por meio de participação em palestras, simpósios, seminários e outros. Tal formação se fez necessária, tendo em vista, que discussões e estudos aprofundados acerca dessa temática geralmente não fizeram parte da formação inicial da maioria dos profissionais.

A formação identitária e reconhecimento de seu próprio grupo étnico têm favorecido uma educação integral das crianças, capaz de possibilitar-lhes a auto-afirmação e a construção de uma imagem positiva de si. Este pressuposto deve ser considerado como pertinente aos profissionais que também pela sua constituição de sujeito tiveram a auto-imagem afetada positivamente ou negativamente ou ainda em constituição que de alguma maneira define seus posicionamentos.

Os profissionais nesta relação além de contribuir para a construção da identidade da criança, também afirma ou reafirma a sua identidade. Tal idéia é defendida pelo fato de acreditar que mais que técnicas e métodos de ensino sobre as relações étnicorraciais é preciso criar consciência que gere posicionamentos sociais e políticos por parte dos profissionais, como afirma GOMES e SILVA (2006 p.19-20):

[...] mais do que criar novos métodos e técnicas para se trabalhar com as diferenças é preciso, antes, que os educadores e educadoras reconheçam a diferença enquanto tal, compreendam-na à luz da história e das relações sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, respeitem-na e proponham estratégias e políticas de ações afirmativas que se coloquem radicalmente contra toda e qualquer forma de discriminação.

Reconhecer as diferenças como elementos do trabalho possibilitou aos profissionais assegurar o projeto comprometido com as questões étnicorraciais na instituição de Educação Infantil, garantindo o direito estabelecido no SABERES⁶(2004, p. 24 e 25), quando utiliza do documento elaborado pelo MEC, onde faz a defesa e efetivação dos Direitos das Crianças:

- Direito a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa: a instituição deve ser um espaço de criação, produção e expressão cultural, das crianças, dos profissionais, das famílias e da comunidade, veiculando e valorizando a diversidade de valores, saberes, hábitos, costumes.

Com base no princípio de direito à formação continuada como uma das possibilidades de desconstrução de conceitos equivocados e construção de novos conceitos, a ação formativa

⁵ Momentos viabilizados pela instituição, uma hora semanal destinada para estudo, reflexão e registro, dentro do horário de trabalho das profissionais.

⁶ Saberes Sobre a Infância – A Construção de uma Política de Educação Infantil. Proposta Político Pedagógica da SME-Goiânia de 2004.

foi proposta inicialmente para e pela Equipe Diretiva de maneira incipiente, baseada na literatura infantil e outras literaturas de domínio da educação popular.

A partir da participação de algumas profissionais nos Grupos de Trabalhos e Estudos (GTE) possibilitados pela Secretaria Municipal de Educação (SME), nos seminários propostos pelos sindicatos e universidades firmou-se a necessidade de aprofundar teoricamente tais estudos com o coletivo na instituição.

Um desses estudos foi o GTE realizado pelo Centro de Formação dos Profissionais da Educação de Goiânia, com o tema “Educação para as Relações Étnicorraciais”. Deste participaram cinco professoras efetivas que ao serem interpeladas sobre as contribuições que este trouxe para as suas atuações profissionais, fizeram as seguintes ponderações:

“Hoje, ao concluir o curso considero como contribuições fundamentais para minha atuação profissional os conceitos em educação das relações étnicorraciais como, por exemplo, de emancipação e libertação, representação social, preconceito e discriminação, dentre tantos outros. Também a geografia do continente africano, comparada a do Brasil, conforme a explicação do Doutor em Geografia da África, em que explicou fenômenos ambientais atuais e urgentes. As políticas públicas para a educação das relações étnicorraciais principalmente a lei N. 7207 do município de Goiânia e a lei federal N. 10639 que precisam ser implementadas, porém, com profissionais preparados e competentes para isso”.⁷

“As contribuições foram principalmente para o olhar da história, os fatos, acontecimentos que permearam todo o processo, os cuidados ao tratar das questões do continente africano que não podem ser generalizadas. Para o lado pessoal me encantei com a forma que o conteúdo foi ministrado, das reflexões que passaram a permear, um olhar atento para a minha descendência, valorizando cada vez mais este povo lutador.”⁸

“Acredito que o curso trouxe contribuições importantes pelo fato de possibilitar o processo de desconstrução de preconceitos, ideias, e concepções sobre as questões étnicorraciais presentes no cotidiano do CMEI. O que considero fundamental foi a metodologia – conhecer a história dos afrodescendentes a partir da diversidade do continente africano. E a sensibilização quanto a efetivação da lei federal e a descoberta da lei municipal N.7207/93 nos coloca a caminho”⁹.

⁷ Andréia Krawczyk, professora Coordenadora Pedagógica da instituição no turno matutino

⁸ Celma Andrade, Professora Regente do Agrupamento de crianças de 1 e 2 anos

⁹ Hilda Maria de Alvarenga Dirigente do CMEI

“O curso me proporcionou uma nova visão a respeito da cultura africana, percebi o quanto abordamos esse tema com superficialidade e sem as reais significações de cada traço cultural. Certamente daqui por diante poderei trabalhar essas heranças com mais propriedade, pois percebi que há mais da cultura africana em nós do que imaginávamos que realmente podemos nos designar afrodescendentes, com certeza de que há em nós não somente alguns traços físicos e pigmentação da pele. Essa nova visão permite um maior respeito e valorização que será percebido e apreendido pelas crianças com maior clareza e de forma mais internalizada, de modo que elas também compreendam e valorizem não somente a herança afrodescendente, mas principalmente ela mesma.”¹⁰

“Considero fundamentais todas as contribuições da formação em Educação Étnicorraciais. A insistência da formadora para que compreendêssemos os conceitos relacionados a essa temática faz todo sentido. Com a compreensão correta do que é preconceito, discriminação, raça, etnias, negros, racismo tenho condições de lidar tanto com situações práticas do dia-a-dia quanto teóricas. A metodologia, conhecer a África, primeiro mesmo que de forma “panorâmica”, me fez enxergar com outros olhos a história dos africanos escravizados no Brasil. Também a excelente bibliografia apresentada no decorrer da formação abriu caminhos para estudos mais aprofundados.”¹¹

A partir das reflexões pessoais compartilhadas por meio dos registros das profissionais foi possível afirmar que o processo de formação continuada, além de demonstrar a disposição interna dessas, para com o desenvolvimento de práticas educativas com a abordagem nas relações étnicorraciais no cotidiano da instituição. Contribui na formação pessoal de cada uma a medida que possibilita a reflexão, a tomada de consciência da importância da temática para si enquanto pessoas integrantes da sociedade brasileira. E com o nome diz, é processo contínuo o GTE é apenas o começo.

A avaliação constante do projeto constituiu-se em momentos também de formação continuada, pois por meio da avaliação de cada ação é que se delineava em outras. Programou-se estudos e debates a partir de documentários, cenas de propagandas e novela e filmes: Atlântico Negro – A rota dos Orixás; Vista minha Pele; kiriku e a Feiticeira; Kiriku e os Animais Selvagens, dentre outros.

¹⁰ Cristiane Ribeiro Professora Auxiliar de Atividade Educativa do Agrupamento 3 e 4 anos

¹¹ Romilda Cândido Professora Regente do Agrupamento de 5 anos

A formação reverberou no trabalho para os agrupamentos foi assegurado por meio dos planejamentos elaborados com as professoras e coordenadoras de acordo com as especificidades de cada agrupamento, na busca efetiva da participação das crianças para desenvolverem as ações, a partir de atividades significativas e/ou projetos de trabalho que respondessem aos objetivos deste projeto. Utilizaram-se da literatura que aborda essa temática fazendo seleção e aquisição de livros, filmes, documentários, brinquedos, brincadeiras e músicas.

Consideram-se as brincadeiras como um dos eixos estruturantes do currículo da Educação Infantil, de acordo com os DCNEI. Foi possibilitado as crianças conhecerem as brincadeiras originárias da cultura africana, promoveu-se na instituição momentos coletivos de brincadeiras com o intuito de envolver as famílias e a comunidade local e de fazer a comunicação destas através de jornal, músicas, painéis e apresentações.

Devido a grandeza e o desafio que ainda representa o trabalho com essa temática no ensino da Educação Básica, sobretudo na Educação Infantil relata-se parte das atividades realizadas com as crianças, por meio de diversas experiências e recortes de propostas pelas profissionais, e neste caso se tratou de fato de um grupo profissional constituído por mulheres. Essas atividades se configuram como possibilidades a serem discutidas e ampliadas em outras realidades.

Ressalta-se, neste documento a compreensão de atividades, como conjunto de realizações, vivências e experiências que as crianças fazem e que produzem transformações em si mesmas nos seus pares e no espaço educativo. Essas experiências foram desenvolvidas pelas profissionais¹² e crianças no ano de 2011.

Caminho iniciado pelas crianças de um e dois anos

*“...Qual a origem da gente?
África fica no meio do mapa do
Mundo do Atlas da vida
Áfricas ficam na África que fica
Lá e aqui...
Basta atravessar o mar pra chegar
Onde cresce o Baobá pra saber
Da floresta de Oxalá...”¹³*

¹² Estas experiências constam no relato, em formato completo, produzido pelas profissionais com imagens das atividades e eventos que podem enriquecer o teor de cada trabalho e que se encontram disponível na instituição para possíveis socializações.

¹³ Trecho da música: África do grupo Palavra Cantada

Iniciaram-se os trabalhos com o projeto institucional “Somos Diferentes, mas não Desiguais!” tendo como objetivo valorizar a cultura dos povos africanos. A primeira ação foi o trabalho com o vídeo “Kirikú e os animais selvagens”, em que foi apresentado um trecho da obra às crianças e em seguida a realização de um cartaz coletivo com a representação de diferentes pessoas, que devido a idade das crianças a professora motivava para que os pequenos fossem compreendendo o significado do que seriam pessoas diferentes .

Com o vídeo as crianças conheceram o personagem Kirikú. Durante a execução do mesmo a professora mais uma vez buscou chamar a atenção das crianças para a maneira de viver do personagem Kirikú e seus familiares na aldeia representada no filme, o elemento que mais chamou a atenção das crianças foi a água, abundante na aldeia, utilizada para a construção de uma horta.

Diante do interesse das crianças realizaram atividades no pátio utilizando a mangueira em deliciosos banhos refrescantes. Iniciou-se o preparo dos canteiros que posteriormente receberam mudas e sementes. Em relação à linguagem oral as crianças se apropriaram de novas palavras, tais como horta e sementes.

Foram apresentadas às crianças bonecas negras para que pudesse observar a reação das crianças e interação dessas com essas bonecas. Isso porque talvez não seja comum a presença de bonecas negras na instituição de Educação Infantil e são raras no mercado. Com essa atividade avaliou-se que as crianças ainda não demonstraram atitudes que caracterizavam preconceito racial. Uma das crianças identificou a boneca negra como sendo sua mãe de maneira natural, se apropriando do brinquedo com cuidado e afeto.

Realizou-se um trabalho de apresentação dos instrumentos de percussão (tambores, caxixis, chocalhos, pandeiros). Foram trazidos na rodinha inicialmente apresentados individualmente de forma que o grupo explorasse o som produzido e depois com todos os instrumentos numa mistura de sons.

O trabalho com músicas que trazem elementos da cultura africana que utilizam os instrumentos apresentados às crianças se deu com as canções do grupo Ileaê do estado da Bahia, que trabalha ritmos afros. Estes ritmos apropriados pelas crianças possibilitaram conquistas corporais, através da dança, tanto individualmente quanto em dupla. A dança realizada cotidianamente no agrupamento junto às crianças recebeu um novo elemento para ampliar os movimentos corporais, lenços coloridos de diferentes texturas.

As crianças conheceram ainda música “África”, dos compositores: Paulo Tatit, Sandra Peres e Arnaldo Antunes. Ouviram-na em diferentes momentos do projeto, de maneira a

oportunizar a apreciação musical, reconhecimentos dos sons, bem como palavras em outro idioma.

Um cartaz com a letra da canção foi trazido para o agrupamento, possibilitando o trabalho com o letramento. As crianças foram motivadas a perceberem que o que cantavam, ali estava registrado.

A literatura se fez presente neste projeto por meio das obras: “Koumba e o Tambor Diambê”, de Madú Costa, que possibilitou a retomada do trabalho com os tambores, que construídos de diferentes materiais oportunizaram ampliação dos movimentos corporais.

Com a obra literária “A África, meu pequeno Chaka”, de Rosa Freire Dáguiar, foram apresentadas crianças tradições de grupos africanos, no que se refere a transmissão dos conhecimentos pela oralidade, os Griot ou contadores de história. Realizou-se a partir desta uma atividade junto às crianças, que propiciou a reflexão de que as diferenças existentes entre as pessoas não as impedem de serem amigas e se respeitarem.

As cores que representam o continente africano foram trazidas para compor o espaço do agrupamento, através de fitas de juta que se transformaram em móveis, para a diversão das crianças que passaram por entre os materiais sentindo sua textura e na divertida brincadeira de esconde-esconde, usando a imaginação.

Caminho percorrido pelas crianças de três e quatro anos

*“Ô boa noite pra quem é de boa noite,
Ô bom dia pra quem é de bom dia,
a benção meu papai a benção,
Maculelê é o rei da valentia, sou eu,
sou eu, sou eu Maculelê, sou eu!”¹⁴*

Foi apresentado para as crianças à lenda do Maculelê, por meio de fantoches, personagem encantou as crianças e se tornou presente no dia a dia. A música e os movimentos corporais foram elementos que constituíram o trabalho neste grupamento, realizando apresentações para as outras crianças.

Por meio da lenda trabalharam-se os conceitos de preconceito e racismo. Utilizou-se o globo terrestre para localizar o continente africano, de onde se origina a lenda do Maculelê.

O trabalho com a constituição da identidade das crianças foi mediado com algumas literaturas que abordam a história e a cultura africana. No livro “Pretinha de Neve e os Sete

¹⁴ Refrão de música de enredo de domínio popular, geralmente cantada nas rodas de capoeira de Angola, com um jogo de pergunta e respostas ritmado por palmas.

Gigantes”, de Rubem Filho, as crianças por meio de suas falas, demonstraram encantadas com o local em que Pretinha vivia, o continente africano.

Com a história “As tranças de Bintou”, de Syviane A. Diouf as crianças manifestaram interesse pelos cabelos de Bintou. Sendo explicado a elas que podemos arrumar os cabelos de diferentes formas, também fizeram birotos (Penteado feminino que reúne os cabelos no cocuruto da cabeça). Nesta literatura também se destacou a riqueza das imagens chamando a atenção das crianças para as vestimentas de um determinado grupo africano, retratadas pelo ilustrador. Realizaram uma atividade de vestir-se com tecidos coloridos e dançar alguns ritmos da África.

Foram possibilitadas as crianças descobriram que algumas brincadeiras, que faziam parte do seu repertório, como pular corda e escravos de Jô, era de origem africana. Realizaram estas em vários momentos, foram motivadas a compreenderem que ao brincarem preservam esse patrimônio cultural imaterial.

É sabido que é por meio da brincadeira que a criança desenvolve sua capacidade de significar o mundo e dentre outras coisa compreende e apreende os instrumentos da cultura por isso, realizaram-se momentos de brincadeiras das crianças com as bonecas que representam diferentes etnias, a fim de observar suas reações e possibilitar a percepção por parte das crianças, das diferenças entre as bonecas ,com a finalidade da mediação das discussões sobre aspectos suscitados durante o processo de brincar.

Conheceram também o jogo “reizinho congolês” que é uma versão do jogo mancala e criaram a sua versão do jogo que chamaram de “O jogo reizinho congolês segundo a turma CD”.

A professora relacionou a rodinha que as crianças fazem todos os dias com a roda que alguns grupos africanos fazem para ouvir e contar história. Iniciando um trabalho com a figura do Griôts que é o responsável pela transmissão oral da história da humanidade portanto, um preservador das riquezas culturais desses povos. As crianças conheceram a história “A menina dos brincos de ouro” e foi proposto que elas, a recontassem, de maneira ampliada utilizando a técnica de teatro de mesa, fizessem o papel de Griôts.

Com a temática família, as crianças apreciaram o filme “kiriku e os animais selvagens” identificando neste algumas organizações familiares e suas formas de sobrevivência e convivência existentes na África. O trabalho com argila mostrado no filme chamou a atenção das crianças, foi proporcionado a elas a realização de algumas produções artísticas com esse material. A partir da apreciação visual e tátil de uma escultura que retrata uma determinada organização familiar africana, a proposta feita as crianças era de que

modelassem suas famílias. Seguida da atividade de confecção de pulseiras, com objetivo de trazer presente os adornos que parte de grupos africanos utilizam para se enfeitarem, nestas atividades destacaram - se os traços característicos dessa cultura expressos nos desenhos.

Para dar poesia ao trabalho, as crianças conheceram o poema de Ruth Rocha “Pessoas são diferentes”, fizeram a leitura e interpretação deste, em seguida cada uma escolheu um amigo para fazer a atividade junto, procuraram em revistas gravuras de crianças com diversas características físicas para composição de um painel.

A linguagem geográfica foi apresentada a partir da leitura do Mapa Mundi, onde as crianças foram orientadas a localizarem no continente africano alguns países trabalhados que foram escolhidos a partir da música África, do grupo Palavra Cantada.

Finalizaram-se os trabalhos com as crianças, no primeiro semestre, em que estas apresentaram às famílias a réplica de uma roda de história africana em que uma das crianças fez o papel de griôts, que além de narrar uma historia representativa de lendas dessa cultura utilizou objetos de alusão aos personagens na modalidade de teatro de mesa .

As crianças demonstraram compreender o sentido do trabalho com essa temática, por meio de suas interações, na maior parte do tempo respeitando as diferenças dos colegas e reconhecendo a beleza dos diversos penteados afro brasileiro. Utilizando em suas produções cores e traços de alguns elementos da arte africana. Participando da dança, da dramatização e fazendo reconto das histórias e lendas.

Caminho trilhado pelas crianças de cinco anos a cinco anos e onze meses

“Salve, meus irmãos africanos e lusitanos
do outro lado do oceano
o atlântico é pequeno pra nos separar,
porque o sangue é mais forte que a água do mar”¹⁵

Com os olhos atentos ao Projeto Institucional ampliaram-se, neste agrupamento, as discussões a partir do projeto de trabalho¹⁶ “Tudo Bem Ser Diferente!”. Este teve como

¹⁵ Versos introdutórios da música: Racismo É Burrice de Gabriel O Pensador, que foi trabalhada pelas crianças por tempo maior a partir da escolha delas por se tratar de um rap de letra longa e complexa, também escolhida para compor o grupo das palavras de ordem da manifestação em que este agrupamento conduziu a passeata e entrega de folderes explicativos a comunidade local.

¹⁶ Uma das metodologias de trabalho orientada pela Proposta Político Pedagógica da instituição, que atende a organização curricular proposta pela Secretaria Municipal de Educação para Educação Infantil.

finalidade responder alguns desafios que surgiram no grupo de crianças, no momento que realizavam atividades que envolviam observações de características físicas das mesmas.

Ao desenvolver uma atividade que consistia em pesar as crianças deste agrupamento para elaborar uma ficha de identificação das mesmas, notou-se algumas atitudes de preconceito relacionadas ao ser “gordo” e mesmo a criança demonstrando chateação ao ser chamada pelos colegas de gordo, estes pareceram ser insensíveis aos sentimentos que provocavam quando repetiam outras falas semelhantes a essas que revelaram preconceitos ainda mais evidentes os relacionados a cor da pele. Essas atitudes apontaram o quanto o trabalho com a temática era necessária na instituição.

A obra literária “Tudo Bem ser Diferente”, de Todd Parr foi o pontapé para o projeto de trabalho relacionado às situações de preconceitos por causa das diferenças, ficando o projeto com o título do livro.

Por meio da história as crianças foram motivadas identificar algumas situações vivenciadas por elas. No final leitura da história fizeram-se fotografias com a finalidade de evidenciar suas diferenças físicas que em outro momento foram analisadas e identificadas. As crianças listaram estas diferenças quanto ao tipo de: dentes, cabelos, cor da pele, olhos, orelhas, nariz, boca, altura. Elencaram elementos importantes para discussão destas, que iniciaram pela questão racial, aproveitou-se do acervo literário da instituição que amplia esse temática.

O livro “O Cabelo de Lelé”, de Valéria Belém chegou junto com o planisfério. Por meio desta história as crianças puderam conhecer a origem dos cabelos caracolados da personagem, que vem junto com memórias de países africanos. Reconheceu entre elas outros tipos de cabelo parecidos com o da personagem, inclusive o da professora auxiliar.

Com a história “Capoeira”, de Sônia Rosa as crianças conheceram, de maneira ritmada, a composição deste jogo atlético e sua origem. A música “Eu sou criança, mas um dia vou crescer...” foi ensinada a turminha por uma das crianças, que sem timidez mostrou como se canta a capoeira. Este conhecimento foi ampliado com a visita do professor Pirata que contou a história da capoeira, falou e tocou os instrumentos usados na roda. Explicou sobre os nomes de “batismos” que os capoeiristas recebem depois de certo tempo, de acordo com suas habilidades e características físicas. Mostrou alguns movimentos e no final coordenou uma roda de capoeira, onde seu grupo interagiu com as crianças do CMEI.

A partir de uma atividade de áudio as crianças demonstraram, ao ouvir o som do berimbau, que a jinga da capoeira corre em suas veias, culminando em cantoria e apresentação de roda para os amigos das outras turmas.

Durante a realização deste trabalho uma família demonstrou preconceito quanto a esse elemento cultural, o que ficou comprovado pela ausência da criança no dia da apresentação para os amigos. Esse fato demonstrou a necessidade de intensificar o estudo desta temática junto às famílias.

“A botija de ouro”, de Joel Rufino dos Santos mostrou para as crianças como os negros africanos escravizados no Brasil foram tratados. A partir da história da personagem foi proposta a reflexão com as crianças sobre como foi o período da escravidão. Elas demonstraram por meio da atividade de releitura da história terem compreendido as injustiças ocorridas.

Ainda trabalharam-se as obras literárias “Ulomma – A casa da beleza”, de Sunny e “O Rei Preto de Ouro Preto”, de Sylvia Orthof. Por meio destas foi proposto à reflexão sobre a diferença entre um conto e um fato real. Enfatizou ainda que a identidade dos povos africanos fosse desrespeitada quando estes foram escravizados no Brasil.

De forma alusiva ao rei de Ouro Preto foi proposto às crianças o uso de uma coroa, que lhe daria o poder de fazer uma declaração expressando um desejo de felicidade para o seu povo. De forma esperada as crianças manifestaram “desejos de criança”, isso faz um povo feliz: sorvete, passeio, roupa nova, bombom, presente... As crianças apreciaram algumas reproduções de gravuras de obras da exposição “Raças” do artista Selvo Afonso¹⁷, juntamente com sua biografia. Por meio da apreciação destas as crianças foram convidadas a admirar a forma como o artista retrata a beleza do povo afrodescendente, as quais denominaram “Belezas herdadas da África”. As obras ficaram expostas na sala durante uma semana e quem chegava ao agrupamento era convidado pelas crianças a apreciar.

As crianças também montaram um painel com recortes de revistas e fotos do grupo em que identificaram e relacionaram os fenótipos de cada um com suas origens afrodescendentes, demonstrando reconhecer e valorizar essa beleza.

As crianças tiveram oportunidade de entrar em contato com a cultura hip hop. O que seu deu por meio da apresentação de um vídeo clip e cartaz. Um dos meninos demonstrou conhecer um pouco do rap, um dos elementos desta cultura. Foi propiciado ainda participarem

¹⁷É um artista que se caracteriza por retratar o ser humano em contexto social das minorias, menor abandonado, negro índio... Em seu trabalho mostra ser hábil em retratar a realidade social. Nasceu em 10 de novembro de 1956 em Goiânia-GO. Estudou artes visuais e realiza exposições em espaços culturais da cidade. Sua especialidade é pintar a beleza negra. Exímio desenhista, o pintor tem obras espalhadas por todo o Brasil e exterior.

de um momento coletivo, juntamente com a família, onde um integrante de uma ONG expôs por meio da música e de conversa com os presentes a origem e características do hip hop.

Sistematizando os conhecimentos ampliados e adquiridos, a partir do trabalho com o projeto, foi proposta às crianças a elaboração de folhetos informativos sobre a questão do preconceito racial para serem entregues no Evento “13 de Maio”. Em pequenos grupos as crianças foram convidadas a refletirem sobre “por que o racismo é ruim e como devemos tratar as pessoas”. Suas conclusões foram formatadas em folhetos ilustrados e distribuídos à comunidade local por elas. Depois do evento elaboraram textos legendas por meio da leitura das fotos deste em que cada descreveu e refletiu sobre o que a fotografia comunicava .

Como ação coletiva relacionada ao Projeto Institucional “Somos Diferentes, Mas não Desiguais!”, realizamos duas atividades. A “II Caminhada Pela Paz e Contra o Racismo” e o “Abraço Negro”. Ações estas que, novamente, vieram de encontro ao projeto de trabalho.

Para significar estas ações com as crianças trabalhou-se, mais uma vez, com a literatura e a música.

A obra “O Tabuleiro da Baiana”, de Sônia Rosa, propiciou às crianças descobrirem que na Bahia, existe um pedacinho da África, que permanece de muitas formas. Entre elas, nos quitutes e vestuário da baiana.

Conheceram ainda a literatura “Entremeio sem babado”, de Patrícia Santana. A personagem principal, Kizzy, é uma menina com características afrodescendente, muito “perguntadeira”, perguntando descobre a origem e o significado do seu nome. O ilustrador mostra com um mapa da África, desenhado com traços da pintura africana. Ao perceber o quanto esse traço chamou a atenção das crianças, a professora possibilitou-lhes a releitura por meio de tinta e pincéis para reproduzirem os traços.

Com o auxílio do dicionário as crianças descobriram o significado da palavra RACISMO e repetiram o que aprenderam com Gabriel Pensador, que “RACISMO É BURRICE”. Ouviram a música de mesmo título, depois em grupos se encarregaram de ilustrar partes desta, para compor o material que foi distribuído e apresentado em pequenos estandartes durante a caminhada.

Fizeram parte do trabalho ainda com as crianças, discussões a partir de documentários e filmes que tratavam da temática. Dentre eles: Kirikú e os Animais Selvagens. Depois de assistirem o filme produziram cartazes registraram suas conclusões sobre as produções artísticas dos povos retratados no filme. O personagem principal e seu povo produziam potes para vender e conseguir alimento para sua aldeia. Posteriormente possibilitaram-se as crianças

a apreciação de algumas peças de argila e em seguida produzirem as suas, observando as técnicas de modelagem em argila orientadas pela professora.

Foi apresentado para as crianças um documentário sobre os povos Kalungas, remanescentes de quilombos da região que ainda preservam elementos importantes da cultura africana, demonstrando resistência na preservação dos seus valores, apesar de todos os recursos tecnológicos que os rodeiam. Isso ficou comprovando com o destaque feito pelas crianças ao verem a utilização do pilão para socar arroz. Foi possibilitado a elas conhecerem este instrumento e a técnica de socar, participando da preparação de uma paçoca de amendoim no pilão, atividade conduzida por uma das profissionais do administrativo.

Destaca-se nas atividades desenvolvidas nos três agrupamentos a abrangência do currículo da educação infantil. Por meio de diversas linguagens as professoras possibilitaram a articulação dos saberes das crianças com os conhecimentos históricos por meio da música, da arte, da dança, da literatura, da escrita e, sobretudo por meio do movimento corporal, essencial ao aprendizado da criança nessa idade, como afirma LIMA (2011, p.153)

[...] É através dessas linguagens que aprendemos a dar sentido as coisas e a nós mesmos... Se a escola oferece um ambiente que expresse o respeito e a valorização das características e referências ligadas aos seus sujeitos cumprirá seu papel na formação para a diversidade.

Ações Coletivas: expressar- fora- expressões por nós (re) significadas

A fim de assegurar a efetivação dos objetivos do projeto, algumas ações coletivas foram previstas, para isso estabeleceu-se parcerias com museus; Secretaria de Educação e Cultura; Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (SINTEGO); Projeto Arte Educação, Núcleo Goiânia Viva da Organização Jayme Câmara; Associação de Idosos, Vanguarda, do João Braz; Agência Municipal de Trânsito; Agência Municipal do Meio Ambiente e instituições educacionais próximas ao CMEI.

A partir do ano de 2010 tem-se realizado, na instituição, no dia 13 de Maio uma ação coletiva, pois é uma data portadora de significado especial para o CMEI, que foi denominada pela comunidade educacional em 2004 “CMEI 13 de Maio”, devido estar localizado em uma rua de mesma denominação. Com o objetivo de significar essa data junto às crianças, famílias e comunidade local, “Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo” e “Divulgação dos Significados da Lei Áurea”, realizam-se apresentações de recortes da cultura e história afro-brasileira e africana, sendo o resultado de propostas de trabalhos, como as descritas anteriormente, realizadas com as crianças antecedendo esta data. Essas apresentações se dão por meio de exposições de fotografias e produções das crianças, danças, palestras, exibição de

documentários, contação de histórias, músicas, degustação de pratos típicos e confraternização.

Em parceria com o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás realizou-se com as crianças e família uma visita à “Exposição Lavras e Louvores” que apresenta parte do processo de ocupação da Região Centro-Oeste. Com o Museu de Imagem e Som, firmou-se parceria para locação de filmes e documentários referentes a temática, utilizados como subsídio para as “Rodas Culturais”, momentos possibilitadores de leituras, rodas de história e projeção de filme seguido de debates e reflexões acerca da diversidade.

Outra ação coletiva possibilitada às famílias foi a visita ao Memorial do Cerrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Tendo em vista que este local, dentre as várias possibilidades de conhecimentos oferecidas, propicia uma ampliação do olhar para parte do processo histórico dos africanos aqui escravizados. A visita e reconhecimento do espaço onde se encontra uma réplica de um quilombo possibilitaram as crianças, profissionais e famílias vivenciarem alguns elementos constitutivos dessa história.

A “Caminhada pela Paz e Contra o Racismo” vem acontecendo pelo terceiro ano consecutivo, durante a semana de comemoração do dia 20 de novembro, “Dia da Consciência Negra”. Esta ação se constituiu em um momento importante na comunidade e a cada ano se destaca pelo trabalho realizado de mobilização e reflexão de questões referentes às desigualdades, especialmente em relação aos afrodescendentes.

A concentração para a caminhada ocorre com um café da manhã compartilhado no CMEI, seguido de organização com faixas, cartazes e estandartes. O percurso tem sido acompanhado de carro de som com intuito de convocar as pessoas para se juntar a caminhada. No local do manifesto, uma praça centralizada da região, com a chegada das instituições dá-se a participação destas, por meio de apresentações culturais e depoimentos.

Ocorrendo neste dia, além da manifestação contra o racismo e pela paz, a comunicação ampliada do projeto. Deste evento participam as crianças famílias, comunidade local e as instituições parceiras.

O “O Abraço Negro”, promovido pelo Movimento Negro, tem sido outra atividade de manifestação que tem fortalecido o trabalho com essa temática, por meio da participação efetiva das profissionais e crianças, que mesmo pequenas, demonstram compreender o sentido de manifestar-se coletivamente.

CONCLUSÃO

A avaliação pelas profissionais foi constante no decorrer do projeto, no intuito de perceber os resultados e ainda reconhecer a pertinência do trabalho com essa temática no dado momento. Consideraram que não houve aceitação plena uns dos outros, numa visão “determinista”, sem ocorrer estranhamentos nas relações entre as crianças, bem como, não puderam eliminar preconceitos construídos historicamente na mentalidade dos familiares e por algumas vezes das próprias crianças. Porém demonstraram ser conscientes da importância de suas atuações profissionais, quanto a criação de ambientes e possibilidades que favorecem a construção de imagens positivas das crianças com as quais trabalham.

Evidenciou-se que desconstruir conceitos, elaborados no decorrer da história de forma equivocada, leva um tempo. Por isso acredita-se ainda na possibilidade de que os pré-conceitos não sejam cristalizados nas cabeças das crianças, pois por meio das atividades desenvolvidas nos projetos tiveram oportunidade de construir conceitos de igualdade racial, respeito às diferenças e de valorização das tantas riquezas culturais agregadas em um mesmo espaço de educação coletiva.

Pode-se afirmar que os espaços, no CMEI 13 de Maio, criados como lugar de enfrentamento por meios das diversas atividades e particularmente dos debates se constituíram em espaços privilegiados, para a promoção e a eliminação de preconceito, práticas anti-racistas e não discriminatórias. Dessa maneira, por meio de uma ação educativa intencionada, assegurou-se que as crianças desde muito pequenas, compreendessem e se envolvessem, de maneira significativa, em ações que conheceram, reconheceram e valorizaram a importância da história e a cultura da África para o Brasil.

Nota-se a importância da literatura infantil na maior parte dos relatos realizados, onde esta aparece em diversos gêneros textuais que através da mediação profissional foi significada para as crianças. Dessa maneira contribui efetivamente em uma de suas atribuições da Educação Infantil junto as crianças que é de ampliar, complexificar e diversificar conhecimentos.

Esse movimento de ampliação do repertório cultural das crianças por meio da literatura infantil foi estendido aos demais sujeitos por meio das músicas eleitas, descobertas, resgatadas para o trabalho, apreciação de algumas exposições artísticas na cidade, visitas a museus dentre outros.

Percebeu-se também o papel da pesquisa na formação pessoal dos profissionais uma vez que buscaram permanentemente articular as dimensões dos conhecimentos infantis com os conhecimentos científicos e não científicos ao entrarem em contato com os elementos culturais de parte dos povos africanos.

Consideram relevante a oportunidade de divulgação do projeto em espaços além da instituição, por se tratar de uma articulação teórica e prática no primeiro seguimento da Educação Básica em que dentre outros aspectos, está em constituição a sua configuração enquanto processo educacional de crianças pequenas.

Divulgou-se este projeto em alguns eventos e geralmente as apresentações eram precedida de avaliações que foram por meio de questões levantadas nos eventos coletivos envolvendo a comunidade local e de registros de instrumentos em que este público em diversos momentos pôde realizar comentários abertos sobre o trabalho. E ainda em seminários, simpósios, jornada pedagógica em que duas professoras realizaram mine- curso para contribuição na ação continuada de outros profissionais. Oportunidades essas, asseguradas devido o processo de sistematização das ações, conforme estabelecido como um dos objetivos deste projeto.

Portanto, implementar ações que favoreçam reflexões sobre as relações étnico raciais, na Educação Infantil constitui-se em um desafio. Porém como o trabalho demonstrou, converte-se em possibilidades, dentre tantas apostas, defende-se a de que a partir de um processo de formação continuada dos profissionais possam alargar seus passos e contribuir na firmeza dos passos das crianças por meio de seus posicionamentos porque possibilitam o debate diário e permanente, bem como a efetivação das ações junto aos demais envolvidos.

Referencias bibliográficos

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil**. Conselho Nacional de Educação/CNE, Câmara de Educação Básica/CEB. N. 20/2009. 11/11/2009

_____, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Nº 10.639. 09/01/2003

_____, **Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**. Discutindo e implementando Políticas de Igualdades Racial e Social. Conselho Nacional de Educação/CNE, Conselho Pleno/DF. 10/03/2004

EVARISTO, Mara Catarina. **Livro do Professor**. Belo Horizonte; Mazza Edições, 2006

GOIÂNIA, Secretaria Municipal de Educação. **Saberes sobre a infância**: a construção de uma política de educação infantil. Goiânia, 2004.

_____, Secretaria Municipal de Educação. **Infâncias e Crianças em Cena**: por uma Política de Educação Infantil para o Município de Goiânia. Goiânia 2012

GOMES, Nilma Lino. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (ORGs.). **Experiências Etnico-Cultural para Formação de Professores**. 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006

GOMES, Nilma Lino. “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão” In: *Educação anti-racista*: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

MATOS, Maria Zilá Teixeira de. **Bonecas Negras – Cadê? : O negro no currículo escolar/ Sugestões Práticas**. Belo Horizonte; Mazza Edições, 2004.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A função social das instituições de Educação Infantil**. Zero a seis. Florianópolis, v.7, 2003

ROCHA, Eloisa A. C. e KRAMER, Sonia (Orgs.) **Educação Infantil - Enfoques em Diálogo**. LIMA, Maria Batista. **Identidade Étnico-Racias, Infância Afro-brasileira e Práticas Escolares**. Campinas, SP: Papyrus, 2011. p.139-155

SILVA, Marilena da. **África, afrodescendência e educação**: uma reflexão urgente e necessária de desafios e possibilidades no contexto da implementação das Leis N. 7207/93 e 10639/03. In: SILVA, Marilena da. GOMES, Uene José. **África, Afrodescendência e Educação**. Goiânia, Ed. UCG, 2006. P.99-115

Revista Os Negros - Quem construiu o Brasil. Fascículo 16. São Paulo, 2010

Livros de Literatura Infantil

Santana Patricia, **Entremeio sem babado**. Belo Horizonte; Mazza Edições, 2007

COSTA, Madu. **Koumba e o Tambor Diambê**. Belo Horizonte; Mazza Edições, 2006

_____, **Meninas Negras**. Belo Horizonte; Mazza Edições, 2006

RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?** Belo Horizonte; Mazza Edições, 2006

ROSA, Sônia. **Capoeira**. 2ª Ed. Rio de Janeiro; Pallas, 2007

_____, **Jongo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro; Pallas, 2007

_____, **O tabuleiro da baiana**. Ed. Rio de Janeiro; Pallas, 2006

_____, **Feijoada**. Ed. Rio de Janeiro; Pallas, 2006

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a Galinha D'angola**. Rio de Janeiro: EDC e Pallas Editora, 2006

BARBOSA, Rogério Andrade. **Uma ideia luminosa**. Rio de Janeiro, Pallas, 2007

_____, Os três presentes mágicos. Rio de Janeiro: Record, 2007

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007

BRAZ, Júlio Emílio. **Lendas da África**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

ORTHOF, Sílvia. **O Rei Preto de Ouro Preto**. São Paulo: Global, 2003

SELLIER, Marie. **A África meu pequeno Chaka**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006

GALDINO, Maria do Carmo, **Mãe Dinha**. Belo Horizonte; Mazza Edições, 2004

GOMES, Elenice. **Pererêê Pororóóó**. São Paulo. DCL, 2005

JESUS, Elivanete Alves de. **A Comunidade Kalunga do Riachão: um olhar etnomatemático**. Goiânia. Ed. UCG, 2007